

Diversidade na Mídia: Avanços e Desafios

O quarto dia 1ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL [SSEX BBOX] & MIX BRASIL aconteceu na data que marca o Dia da Comemoração Trâns-gênero – homenagem à memória daqueles que perderam suas vidas em atos de violência transfóbica – e o Dia Nacional da Consciência Negra. Ambos em 20 de novembro – quando foi realizada a mesa Diversidade na Mídia: Avanços e Desafios, mediada pela psicóloga Daniella Pugliesi, e que reuniu a travesti transfeminista Helena Vieira, pesquisadora de teoria queer na Universidade Federal de Integração Luso-Afro Brasileira (Unilab); a cartunista, quadrinista e roteirista Laerte Coutinho, que nos últimos anos destacou-se na comunidade LGBT por ter assumido suas transexualidade, engajando-se como ativista; e o ator Thammy Miranda, homem trans que talvez seja, hoje, o único receber destaque na mídia brasileira.

Helena Vieira começou construindo um recorte sobre a representatividade midiática das identidades trans, travestis e dos sujeitos de identidade de gênero divergente da cisnormatividade. Durante sua fala, buscou tratar a forma como essas pessoas vem surgindo na televisão, internet, jornais, revistas e demais meios de comunicação, o que possibilitou enxergar uma série de movimentos midiáticos que incluem essas pessoas à partir de um viés normativo e estereotipado. “A mídia é um discurso de poder. Ela está na composição de discursos e na organização dos aparatos de verdade. Ou seja, a mídia nos diz, em alguma medida, o que é o que não é verdade. Uma verdade política, uma verdade econômica, mas também uma verdade sobre o corpo. Ela nos diz que corpo tem que ser representado, que corpo deve ser atingido, que corpo nós devemos ter. E essa imposição midiática do corpo e da cultura de gênero cai destrutivamente em cima das pessoas trans e das travestis. E isso tem, claro, haver com todos os tipos de normas”.

No que diz respeito à grande mídia, a convidada tratou a forma como essa população é noticiada – em casos como o de crimes contra travestis –, como ela é representada – em novelas, shows de televisão e no cinema de massa – “e eu não estou pensando aqui na ‘representação cult’, porque ela não conforma uma coletividade, apresentam um recorte de classe muito grande” – e como essa população se insere na mídia. “Ou seja, como essas pessoas são capturadas dentro do regime midiático, no sentido de construir, muitas vezes, uma imagem estereotipada”. Como exemplos, Helena citou a famosa travesti Roberta Close, a participante do Big Brother Brasil Ariadna, e o próprio Thammy Miranda, presente na mesa. “Pessoas que a mídia abraça de uma determinada maneira e nesse sentido acabam sendo construídos discursos que podem não ser muito empoderadores, porque essas pessoas acabam sendo engolidas pela normatividade, pelo padrão, pela questão mercadológica a partir do que se espera dessas pessoas”.

Laerte Coutinho falou da presença na televisão na vida dos brasileiros, usando como exemplo a si próprio – e falando sobre como essa influência se traduziu em sua vida e carreira. “É impressionante como a gente usa a televisão como referência, como seus bordões – aqueles repetidos por entrevistadores, âncoras, atrizes e atores, personagens etc. E até pelos desenhos animados,

que mostravam o Pernalonga e o Pica Pau se travestindo o tempo inteiro. E as mais diversas representações de “viados”, “sapatões” e “sapatonas”, “travecos” e “travecas”, todos esses termos usados de forma agressiva para desqualificar pessoas a partir das suas orientações sexuais e expressões de gênero”. Laerte contou como cresceu vendo isso e como sua formação profissional também acabou enveredando pela área do humor – em quadrinhos, charges e cartuns –, usando essas representações “com desenvoltura”, mas sem sempre de uma forma desprovida de um julgamento de valor. “Quer dizer, eu participei também do bullying midiático contra pessoas da comunidade à qual eu pertencço agora”.

Por outro lado, a cartunista confessou como essa própria mídia foi para ela um “eixo importante de diálogo”. Diante de uma plateia que em diversos momentos fez questão de brincar dizendo que não assistia TV – sobretudo a Rede Globo –, Laerte não se intimidou em dizer que viu na televisão “trabalhos nos quais estiverem presentes reflexões” muito úteis à sua formação. “Foi o lugar, por exemplo, onde eu abri meu coração, em público. Onde eu falei da minha homossexualidade e, mais tarde, a minha transexualidade. Então, eu também fitei um modo de me entender por meio da imprensa, que funcionou como uma espécie de espelho para mim”.

Thammy Miranda também foi pelo caminho do “autotestemunho”, contando como, em seu caso, nunca lhe foi colocada a escolha de estar ou na mídia. “Desde que eu nasci ela faz parte da minha vida”, disse o ator, filho da célebre cantora Gretchen, a “rainha do rebolado” e figura assídua em programas de grande apelo popular como o do apresentador Silvio Santos, por exemplo, nos anos 1980. “É uma responsabilidade muito grande, quando eu me assumi homossexual e depois transexual, porque parece que você tem a obrigação de representar essas pessoas – ou nem a obrigação, se você é você já está representando”. Segundo ele, isso muitas vezes o levou a ter sua vida pessoal interpelada pela expectativa de que sua voz fosse a de toda uma parcela da população – o que, por diferentes motivos, nem sempre é possível. “E não é questão de representar ou não, é questão de você viver a sua vida da forma que você acha que tem que ser vivida e sofre essa cobrança de fora”.

A participação da plateia foi especialmente ativa com relação a esse tema. Desde que nomes fortes do movimento LGBTQI – como a travesti, doutoranda em teoria literária pela Unicamp, feminista e militante dos direitos LGBTQs e de profissionais do sexo Amara Moira, também convidada da conferência – até a jovem Lívia, mulher trans e estudante de jornalismo.

Amara ocupou o microfone para lembrar da “violência sistemática” que se verifica contra a existência trans, quaisquer que sejam, mas como também ressaltou como algumas pessoas conseguem canalizar essa violência e transformá-la em visibilidade. “É o caso das pessoas que compõem essa mesa e, em alguma medida, é o meu caso também – que faço doutorado e consigo ter um alcance e uma visibilidade que a maioria das pessoas que transicionaram muito antes de mim não conseguiram”. E quis saber da mesa como é possível para outras pessoas poderem resignificar essa violência e transformá-la em visibilidade. Helena Vieira respondeu a pergunta, dizendo que, sem seu caso, o caminho é do criticidade quanto ao que é mostrado nas telas (TV e internet) e

nas páginas de jornais e revistas. “Eu passei a olhar pessoas trans que aparecem na mídia, como a Roberta Close, e a pensar: será que é esse corpo que eu tenho que ter? Será que eu tenho que ser assim para ser uma pessoa trans? Até que percebi que talvez eu tivesse que olhar no espelho e ver que meu corpo tem que ser tudo o que ele pode ser, e não como o corpo de outra pessoa”.

Já a estudante de jornalismo Lívia questionou a representação não só nos contextos em que elas aparecem – quase sempre negativos –, como também na qualidade dessa representação, no sentido de que, muitas vezes, a mídia dá a quem aparece nela a condição de voz única acerca de experiências que são tão particulares. “A mídia escolhe pessoas dentro dos padrões – como a [modelo trans] Lea T ou o próprio Thammy – como porta-vozes do movimento trans. Eu acho que falta muito, tanto da parte da mídia quanto das pessoas que aparecem nela, um recorte de classe, de raça e muitos outros. Além disso, acho importante que essas pessoas que conseguem espaço deixem claro que elas estão falando a partir da perspectiva e da experiência delas”.